



## **A FESTA DA VIRGEN DEL CARMEN EM PAUCARTAMBO: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA**

Danilo de Santana Cardôso

Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB

danielcardosoemail@gmail.com

Orientador: Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez

Professor Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA

Docente UNEB

### **Resumo**

Tomando a arte como fruto da expressão cultural original de um povo e suas relações institucionais com o Estado, o presente artigo discutirá, de forma etnográfica, a festa da Virgen del Carmen na cidade peruana de Paucartambo. Buscar-se-á compreender como tal prática cultural é portadora de ethos que agrega uma forte identidade latina em torno de si e de seus partícipes.

**Palavras – Chave:** Identidade - Identidade Latina - Peru - Paucartambo

### **Resumen**

Teniendo la arte como un resultado de la expresión cultural de un pueblo y sus relaciones institucionales con el Estado, este artículo se analizan, de forma etnográfica, la fiesta de la Virgen del Carmen en la ciudad peruana de Paucartambo. Vamos a tratar de entender cómo una práctica cultural se lleva ethos que combina una fuerte identidad latina en torno a ellos y sus participantes.

**Palabras - clave:** Identidad - Identidad Latina - Perú – Paucartambo

### **A Introdução: Objeto, método e o alcance.**

Entre o azul do Oceano pacífico e o sul do Peru, existe uma cidade de pequena extensão de nome Paucartambo. O caminho para se chegar a esta cidade é entrecortado por belezas naturais, ruínas históricas e estradas de terra batida, com seus já raríssimos acostamentos ocupados por carros pipas que amenizam o poerio. Ele fora construído e consolidado ao longo de séculos e é, ainda hoje, a principal via para o

comércio, defesa, comunicação entre as cidades daquela localidade, deste modo uma das veias abertas para se chegar ao destino almejado: A Festa da *Virgen Del Carmen*, na província de Paucartambo.

Esta festa é o tema que me proponho a descrever neste artigo e é evidente que se trata de um fenômeno humano de relevante importância. Revestida de um grande significado na vida daquela população nativa, sendo essa relevância plenamente reconhecida por eles, e por uma numerosa população externa que entre os dias 15 a 17 julho se deslocam das mais diversas localidades do país e do mundo para as pequenas ruas da capital provincial, com ideias, ambições, pedidos direcionados a *Virgen del Carmen*.

Para prosseguir, é conveniente mostrar-lhes as veredas e métodos utilizados para coleta dos materiais. Imagine você leitor que, de repente, depois de longo processo o autor que vos escreve foi selecionado por um programa de encontro intercultural que convocou estudantes de muitos países para uma expedição com vocação de universidade itinerante da sabedoria ancestral que, de junho a agosto do ano de 2015, percorreu importantes comunidades, santuários, e reservas naturais de países como a Bolívia e o Peru. Imagine também que ele era um principiante sem grande experiência de campo, mas com consagrados conceitos das ciências sociais amadurecidos e com breve medo de não saber manejá-los.

Em primeiro momento empreendi uma recolha dos mais diversos dados sobre as localidades que seriam visitadas, comunidades, festas, tracei planos, mas logo me interessei por uma festa específica a da *Virgen del Carme* em Paucartambo, não sabia o quê ou o porquê, mas sabia que ela imageticamente carregava uma feição semelhante as festas religiosas brasileiras, principalmente com a tradicional festa popular do Senhor do Bonfim no Estado da Bahia, afamada também como Lavagem do Bonfim, que com um cortejo multirreligioso com mais de 1 milhão de pessoas percorre as ruas da cidade baixa da cidade de Salvador, desde de 1773, e figura enquanto um dos muitos patrimônios imateriais brasileiros<sup>1</sup>.

Para respeitar os princípios do método etnográfico, o qual resolvi me assessorar, segui a risca o que dizia Malinowski, em sua introdução dos Argonautas do Pacífico Ocidental<sup>2</sup>:

Em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objectivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efectivamente entre os nativos [...] finalmente, deve recorrer a um certo

---

<sup>1</sup> A certidão foi emitida em 05 de julho de 2013 concede título de patrimônio imaterial nacional a Festa do Senhor do Bonfim. Acessado ao site: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/85>>, você poderá consultar o inteiro teor da certidão.

<sup>2</sup> Argonautas do Pacífico Ocidental é o título do livro do antropólogo anglo-polonês Bronisław Malinowski publicado em 1922, com prefácio de James Frazer, obra define os princípios básicos para um trabalho etnográfico.

número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas.  
(MALINOWSKI, BRONISLAW, 1978.p.21)

Seguindo as conhecidas “pedras basilares” dos grandes trabalhos etnográficos, busquei ao máximo as condições adequadas para execução, mas sabia que o tempo da vivência era um objeto dificultador para uma maior profundidade e por isso afirmo que busquei a construção de um trabalho com traços etnográficos e não uma etnografia, o que seria uma arriscada empreitada por um ainda jovem nas ciências sociais.

Acordado o método e seguindo a metodologia nele esperada. Busquei, através do contato natural conhecer os costumes, as crenças e tentei transpor nestas páginas que seguem as minhas interpretações mediante o uso de conceitos já consolidados por autores das humanidades.

Para melhor coleta de informações, acordei todas as manhãs para um pequeno passeio matinal naquela cidade, e na medida em que fui me ambientando passei a observar os detalhes dos preparativos da festa, pessoas incumbidas pela organização, limpeza, decoração. Não hesitei também em frequentar os mais distintos ambientes para buscar mais informações sobre aquele fenômeno justaposto. Dentre os locais destaco as pequenas tendas que vendem as mais distintas combinações de sucos, bares tradicionais e grandes banquetes oferecidos pelas famílias tradicionais. Neste momento me apercebi enquanto partícipe da festa e de suas preliminares, onde residiam uma gama de processos, ramificações e interpretações que poderia ser um denso material para desenvolvimento de outras pesquisas, mas o principal objetivo era analisar a existência ou não de uma identidade, sobretudo latina.

A partir de conceitos, categorias, materiais construindo dia a dia no trabalho de campo, busco nas páginas que seguem analisar essa prática cultural portadora de um *ethos* que agrega uma forte identidade latina americana em torno de si e de seus partícipes.

## **DO PERU A PAUCARTAMBO**

Que llegó de muy lejos a vivir en tu espacio,  
Y a hablarte de su origen y a hablarte de su  
fuerza. (FLORIAN, MARIO. Arenga al peruano<sup>3</sup>,  
1956.)

---

<sup>3</sup>A versão completa do poema supramencionado poderá ser conferida acessando ao site:  
<<http://www.diarioinca.com/2007/10/arenga-al-peruano-poema-de-mario.html>>.

No amplo território do Peru, homens e mulheres se mesclam em seus mais diversos afazeres formais e informais. Uma grande diversidade se entende e se ramifica em 25 regiões, 196 províncias, 1.869 distritos com inúmeras cidades de estreitas ruas, becos, vielas.

Esse país, portador de uma vasta multiplicidade cultural resultante das contribuições diretas dos indígenas, dos colonizadores espanhóis e de uma minoria negra escravizada, é um envolvente espaço para desenvolvimento de novas pesquisas. Engana-se, quem o resume a sua capital Lima, pois suas maiores riquezas materiais e imateriais deverão ser encontradas em seu interior, principalmente nas imediações da capital arqueológica das américas, Cuzco.

Essa cidade é o ponto de partida para locais popularmente sacralizados por seu valor histórico, estético, arqueológico, científico, antropológico, é de lá que podemos seguir para vale sagrado, chegar a Machu Picchu e conhecer a província de Paucartambo. Essa província pode parecer ponto destoante diante do peso turístico dos outros locais supramencionados, mas ela é um importante berço da tradição latina.

Essa província de capital com mesmo nome, antes da chegada dos espanhóis, foi habitada por povos como os *Pokes*, *Wallas* e *Lares* e posteriormente por populações Incas. Durante o império incaico esta zona pertencia a região de *Antisuyo* e era considerada a entrada da antiga capital cuzquenha dos povos da selva (VILLASANTE;ORTIZ, 1980, 22).

Com a chegada dos espanhóis e o desenvolvimento de guerras de conquista voltadas para expansão interiorana e com derrotas sucessivas dos exércitos Incas, muitos passaram a se refugiar nas proximidades (VILLASANTE;ORTIZ : 1980, 23). Com estabelecimento em 1565, de um novo regimento elaborado pelos espanhóis a província passaria a fazer parte dos domínios coloniais, mas em 21 de junho de 1825, logo após a declaração de Independência do país, ela se autodeclara província de Cuzco. (BERGHE;VAN, 1977, p. 212)

O nome Paucartambo, seguindo a risca os escritos etimológicos, é a junção de *tambo*: lugar de descanso, depósito, e *Paukar*: nome de um dos grandes generais do império Inca. Com tudo, buscando outras referências é possível encontrar outras traduções como: lugar florido, a vila das flores (BARRIONUEVO; ALFONSINA, 1980, p.204).

A cidade de Paucartambo possui uma localização privilegiada, em relação às outras cidades, pois está cravada na borda sul de uma importante via que dá acesso a outras regiões do Peru. A capital conseguiu se desenvolver economicamente a partir do fomento de um sistema de escoamento produtivo, que utiliza positivamente a proximidade de outros centros urbanos, diminuindo os custos empregados anteriormente

no deslocamento da produção, resultando em produtos mais baratos para mercado. Plantações de batatas, café, milho, trigo podem ser vistas em seus muitos aclives montanhosos e seguem sendo rentáveis devido a sua exportação direta para a grande Cuzco.

Nessa província ainda existem poucas comunidades e seus centros urbanos são densamente povoados com núcleos familiares tracionais, sendo a sua capital Paucartambo o local de maior concentração de população absoluta. Essa população é constituída em sua maioria de descendentes indígenas, debruçando-se sobre essa questão o autor Van De Berghe (1977, p.212) propôs uma aproximação entre as categorias indígenas e camponeses, por considerar que empreendo um estudo mais aprofundado estas chegariam a se fundir.

## **PAUCARTAMBO E A FESTA**

A Santa Maria de Monte Carmelo, também conhecida como *Virgen del Carmen*, é uma das versões da Virgem Maria. Os primeiros registros de sua devoção remontam aos escritos bíblicos do profeta Elias, século IX a.c, onde a santa teria aparecido e feito cair uma grande densidade de chuva na região que estava devastada pela seca.

A partir desse marco fundador da veneração, a Virgem passou a ser cultuada por muitas gerações e ganhou mais força com poder eclesiástico na Idade Média. O seu culto foi disseminado em toda Europa ocidental, principalmente depois da invasão muçulmana na região do Monte Carmelo onde seus fiéis foram coercitivamente obrigados a migrar para península ibérica.

Em Espanha, a manifestação de cunho religioso e popular se consolidou e foi exportado para todas as suas colônias. Na América colonial, os primeiros registros foram feitos pelo Frei Vazão de Espinoza (1948), que com sua escrita fervorosa e carmelita, deixa as primeiras impressões da celebração a Virgem em seu livro *Compendioy Descripción de Los Indias Occidentales*.

No Peru, a *Virgen del Carmen* ganhou outro nome “*Mamacha Carmen*”. Sua adoração é datada do início do século XVII, neste país ela passou a ser a padroeira dos presidiários, enfermos e da marinha. Segundo o historiador jesuíta Vargas Ugarte (1947), a devoção nas Américas teria se iniciado neste país mais precisamente com a construção da capela da *Carmen de la Legua de El Callao*, em 1600.

Segundo narrativas populares, um comerciante partiu de algum ponto do centro da América com destino a cidade de *Los Reyes* (atual Lima), mas com a mudança dos ventos e, por consequência, da rota ele foi levado para o alto mar que passava por uma grande tormenta naquele dia. Quando ele estava a ponto de naufragar resolveu pedir a *Vigen del Carmen* que preserva-se sua vida e prometeu que caso conseguisse

desembarcar em algum porto próximo a costa, construiria nesse local uma capela com o faturamento do carregamento de madeira que ele transportava. Este porto foi o porto de *El Callao*. O comerciante cumpriu a promessa e construiu a Capela *Ermita del Carmen*, e trouxe da Espanha uma imagem da *Virgen del Carmen*, que chegou em 1606. O certo é que a devoção ganhou uma porção de seguidores andinos ao modo que em 2013 foi declarada pelo Ministério da Cultura do Peru, como Patrimônio Cultural da Nação.

A celebração passou a ocorrer em diversas províncias no Peru, mas é na província de Paucartambo que ela ganha ares de grande festa cívica religiosa. Nesta pequena cidade o culto e celebração a *Virgen del Carmen* foi mantido vivo por mais de três séculos e a festa que vai de 15 a 17 julho mantém a sua opulência secular atraindo ainda um grande público, mesmo com o declínio geral da religiosidade em nossos dias.

Em dias de festa da *Mamacha Carmen* a cidade de Cuzco é o ponto de partida de milhares de fiéis em direção a província. Por meio de distintos meios de transportes aglomerados em seus muitos terminais improvisados, o sinal da partida é dado assim que os últimos bancos das conduções são ocupados.

A estrada que leva a localidade é mais uma demonstração de fé e perseverança, seguindo os moldes peruanos o seu traçado acompanha o relevo de descomunal altitude com raras sinalizações, os cascalhos espalhados ao seu chão não amenizam o desconforto das quatro horas de locomoção, o que faz a viagem parecer uma desproporcional penitência, principalmente quando se tem um precipício em sua borda.

Casebres brancos espalhados pela encosta se destacam nos morros, Paucartambo parecia uma cidade distinta das outras. Sua localização, em meio ao terreno elevado correndo em declive para o rio, parecia que seguia o modelo estratégico de construção das cidades no período colonial, que prezava por uma maior visibilidade e possibilidade de enfrentamento dos inimigos.

Figura 1 - Olhar sobre a Ponte de Paucartambo



Fonte: Elaborada pelo autor

Ainda sob a ponte de pedra construída no período colonial, pelo rei Carlos III, para facilitar o trânsito dos habitantes e o pagamento dos tributos, é possível ouvir os primeiros sons das *quendas*, *tinyas*, *antaras*, *zamponãs*, *maracas*; os instrumentos que embora a primeira vista nos pareçam simples, ressoam em uma rica demonstração de ritmo e melodia paucartambina. Nesse mesmo instante começam a entoar dizeres que soam enquanto música:

Para celebrar tu día  
se abrirán todas las flores

Violeiros, trovadores, autores de pequenos contos se apresentam, vendem sua arte em cada esquina e dividem a atenção com vendedores de jornais que noticiam em voz alta as principais notícias da cidade e do país, mas a que mais chama a atenção é: “ A cidade de Paucartambo se une para celebrar a Virgem”.

Segundo narrativas do século XVII, existiam no vale um enorme quantitativo de fazendas. A imagem da *Virgen del Carmen* era levada todos os anos para a festa da fazenda Asunción a Paucartambo. Certa vez os selvagens se rebelaram e com brutalidade destruíram fazendas, matando os habitantes brancos, demoliram a igreja onde a Virgem estava lotada e a lançaram no rio *Amaru Mayu* (Rio da Serpente), onde seu corpo foi achado dias depois em uma ilha e levado a Paucartambo.

Contam-se que os *Collas* (habitantes de *Collao*) em uma de suas viagens pela localidade trouxeram uma cabeça de gesso encontrada em um pote de barro e os paucartambinos a identificaram como a cabeça da Virgem e imediatamente a juntaram ao corpo. Assim, ela acabou por escolher Paucartambo enquanto residência.

Durante os três dias da festa, os espectadores se confrontam com muitas presenças e contatos visuais que despertam imaginário. Durante os festejos, podem ser encontrados exemplos notáveis da teatralidade originária andina, circulante por becos, vielas onde o passado e o presente convivem harmonicamente.

A festa possui o protagonismo de dois grupos de dançantes os *Q'apacch'unchu* e dos *Q'apac qolla*, que compartilham o mesmo desejo e objetivo a posse da Virgem. O pesquisador Miguel Rubio Zapata, que interpretou a festa enquanto uma rica representação da teatralidade andina, afirma que:

São esses dois grupos de dançantes que demarcam as tensões da festa, enquanto protagonistas de um enfrentamento de alto valor simbólico, que subjaz ao argumento conhecido pelo povo e se repete invariavelmente todos os anos como

um rito teatral de afirmação de identidade. É em torno deles que se constrói o perfil ritual e mitológico do evento. (ZAPATA, MIGUEL. 2016. pp. 17 -18.)

Baseada nessa interpretação é possível, também, destacar três grandes momentos-chave para melhor compreensão da festividade: O *Q'onoy* (noite do fogo), a selva e a guerrilha.

O *Q'onoy* marca o início para os dançantes dos dois grupos, que na véspera da festa (15 de julho) acendem fogueiras e soltam fogos; esta é a representação “do primeiro ataque”, no qual os *Q'apac qolla*, chegam a Paucartambo e incendeiam o povoado como demonstração de força que, estrategicamente, sobrepõe o real interesse de retomar a Virgem cuja posse reclamam. Por essa motivação os *Q'hapac Ch'unchu*, compreendendo o objetivo dos inimigos, reagem repelindo o ataque de maneira dura. O rei da província e o seu exército, enfrenta diretamente os adversários, garantindo a defesa do povoado e controla a situação, o que faz os *Q'apac qolla*, retroceder.

No dia seguinte (16 de julho), se inicia a selva os *Q'apac qolla*, montam uma tática diferente, dessa vez tentando reconciliar-se com os paucartambinos armam um tablado no alto da principal praça e passam a distribuir os produtos que trouxeram a Paucartambo na condição de comerciantes: frutas, carnes, jarras, colheres de madeira, bacias, copos, pequenos bancos de madeira e outros múltiplos utensílios, são jogados a fim de promover a reconciliação depois do caos causado por eles na noite anterior. Mas engana-se quem pensa que essa entrega de presentes não esconde um objetivo militar e de distração dos nativos. Com a construção do tablado os *Q'apac qolla*, agora sabem da localização e as posições de ataque dos *Ch'unchus*. Essa tática de combate serve para se ganhar tempo até o dia seguinte, quando se realizará a grande guerrilha, já que agora conhecem o inimigo de modo suficiente para poder preparar uma ofensiva final.

Figura 2 - Divertir-se em meio a guerra



Fonte: Elaborada pelo autor

Para Zapata “a guerrilha” (17 de julho) é o ponto culminante da festa, pois ela encena um combate ritual, que se desenvolve na praça principal ocupada por um montante de espectadores e dançantes interessados no desfecho final desses três dias seguidos de danças, festejos nas ruas do pequeno povoado.

Grupos dançantes se aglomeram na praça para contemplar o cortejo que leva Virgem para a sua igreja e após a sua chegada começam simultaneamente a entoar músicas, danças aleatórias. Instaure-se um estado de caos e desordem e a Guerrilha tem o seu início.

Os *Q’apac qolla* instalam-se em uma tenda colocada no centro da praça, que será seu quartel-general, de onde vão sair para percorrer todo povoado. Os espectadores paucartambinos conhecem bem a trama que vai ocorrer e assistem na condição de testemunhas, para observar como será a representação daquele ano, porque o enredo não aceita modificações.

Antes do início da guerrilha vão aparecendo outras personagens que ajudam no clima de caos do momento. É assim que surgem os Maqtas (jovens), fazendo a representação dos trabalhadores do campo. Esses cômicos personagens usam máscaras que chama a atenção pelo tamanho do nariz e do sorriso, eles interagem com os espectadores principalmente com as mulheres forçando-as a caminhar exaustivamente pela praça e trazem consigo animais dissecados, câmeras fotográficas que lançam água causando um grande incômodo na multidão.

Os Palúdicos também se apresentam antes do início da guerrilha, eles são personagens de corpo amarelo que tem em suas faces as marcas deixadas pela febre amarela. Eles fazem a representação dos trabalhadores que se aventuraram pelas selvas e regressaram infectados pela malária no período pós-colonial. Em

determinado momento do seu desfile esses personagens convulsionam ao chão, desmaiam e são atendidos por enfermeiras, que lhes aplicam grandes injeções e podem até mesmo realizar rápidas cirurgias na frente do grande público.

Os doutores da lei também estão presentes neste momento. Eles são uma sátira aos subalternos trabalhadores de tribunais, advogados, juízes de ambos os sexos, que sempre buscando a moralidade carregam em suas mãos os livros das leis, mas quando aberto trazem figuras erotizadas o que soa enquanto uma crítica a falsa moral pregada.

Outra ala que chama bastante atenção, dentre as muitas que percorrem as ruas da cidade, é a dos *Waca-Waca*, que ao som do *pasodoble* executam movimentos de dança carregando sobre suas cabeças um tesouro e por isso a todo momento ameaçam “correr” para protegê-lo de qualquer tentativa de furto.

Com a praça toda tomada por um grande número de pessoas, a guerrilha se inicia com o bloqueio das três principais vias de acessos pelos *Q’apac qolla*. Eles estendem uma manta com a qual fazem oferenda à “Mãe Terra”, e retiram da boca folhas de coca mascadas onde poderão ler o futuro e saber previamente se a guerrilha lhes será ou não favorável.

A filha do prefeito dos *Q’apac qolla* de nome Imilla, que se faz presente em meio a proteção do seu povo, é raptada pelo rei dos Ch’unchus e é o que gera o início dos confrontos entre os dois grupos na guerrilha. Os Q’ollas diante dessa situação saem para enfrentar os Ch’unchus e recuperar a posse da Imilla, mas acabam por ser paulatinamente derrotados.

O chefe dos Q’ollas acaba sendo abatido pelos Ch’unchus, e o seu corpo é exibido pela praça como troféu. Atrás do cortejo fúnebre-celebrativo o rei Ch’unchu surge com a Imilla. Os soldados Q’olla avançam com choros, gritos que ditam um ar dos vencidos, mas essa atitude não pode ser interpretada enquanto uma derrota plena. Pois todos os presentes sabem, que ela volta a ocorrer todos os anos naquela mesma cidade e por isso a “guerrilha” neste momento parece ter chegado ao “fim”, mas será retomada em ocasião próxima.

Na discussão antropológica recente empreendidas por pensadores como Clifford Geertz, os aspectos morais, estéticos, valorativos de uma dada cultura, sociedade, foram unificados sob o termo *ethos*. Em sua obra *A Interpretação das Culturas* o autor afirma que para análise do *ethos* de um determinado povo deve-se levar em consideração “o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição [...] em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”(GEERTZ; CLIFFORD, 2008, p.93). Em Paucartambo seguindo esses princípios é possível observar diretamente essa questão complexa, principalmente em dado momento no qual “a crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se

mutuamente”. O ethos, neste momento, pode ser percebido nas representações das coisas construídas naquele instante por suas personagens, símbolos e seus atores sociais, tornando-se aceitável aquelas imagens enquanto um verdadeiro estado das coisas.

Assim, em meio a esse jogo cênico a festa da Virgem do Carmen se consolidou e adquiriu o caráter de festa regional, ajudando a reconstruir um passado marcado pela influência da junção de elementos europeus, andinos, católicos, latinos. É nesse contexto de interação, nestes três dias e noites de festejos, que a pequena cidade de Paucartambo desponta enquanto local significativo para reforço da identidade de grupo.

## A FESTA DA VIRGEN DEL CARMEN E A IDENTIDADE LATINA

Soy, soy lo que dejaron  
Soy toda la sobra de lo que se robaron  
Un pueblo escondido en la cima  
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima  
(Calle 13. “Latino América”. Por Arcaute, Rafael Ignacio; Goat, Eduardo; Perez, Rene.  
*Calle 13: Entren Los que Quieran*. Sony Music Latin, 2010.)

No que se refere a origem conceitual do termo América Latina, ele ainda é um tema controverso nas mais distintas literaturas, de modo que não existe uma só interpretação, mas sim, inúmeras. Por isso, faz-se necessário (re) pensar esse processo de modo crítico, sobretudo, com relação aos impactos causados nas relações identitárias dos grupos viventes na região.

Identidade que é uma palavra que traz no seu próprio sentido a marca do caráter complexo das questões que discute, pode significar tanto a qualidade do idêntico e do comum, como o conjunto de caráter próprios e exclusivos. Daí podemos interpretá-la enquanto uma construção simbólica que supõe a adesão de valores, sentidos para construir-se, invariavelmente, em relação a um "outro" (HABERMAS; J, 1990, p.185). Assim, a identificação pode surgir de fora para dentro, ou seja, a partir do outro; ou de dentro para fora, ou seja, em relação ao outro.

A identidade latina se construiu a partir do outro, prova disso é o seu próprio nome que nada mais é que uma criação de Luís Bonaparte para designar o território que pretendia conquistar, ou seja, era o olhar exterior que concebia uma identidade totalmente alheia ao povo que constituía essas sociedades. Essa questão primaz, foi alvo de atenção de muitos escritores a exemplo o literata baiano Jorge Amado, que em uma das passagens da sua obra *Tendas dos Milagres*, defendia que passamos a ser latinos “a base da porrada”.

Debates relacionados a noção da identidade ganham força na década de 1970 permitindo a formação de profundas transformações no modo de pensar essa questão de grande interesse social. Os discursos e os novos movimentos sociais apontavam para uma sociedade multicultural, mas a noção de identidade latina, que desde início estava presente atrelada a uma concepção de um sujeito unificado, não perde totalmente suas forças. Porém, o deslocamento e aparecimento de outros elementos agregou-lhe o caráter fluido, polissêmico e móvel.

A cultura política desse subcontinente também é um elemento influenciador pelo quais as sociedades se construíram e administraram a defesa de um passado unificado pela defesa de um solo comum. Para observar na práxis esse movimento podemos notar nos discursos políticos regionais a permanência desse pensamento histórico de uma identidade latino-americana, mas com admissão de certa fluidez. Isso é o que vai afirmar Gilberto Maringoni em sua obra intitulada *A Venezuela que se inventa: Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez*, na qual em discurso o revolucionário Chávez, anuncia:

Eu desejo, mais que qualquer um, ver formar-se na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riqueza que por sua liberdade e glória [...] É uma idéia grandiosa formar de todo o Novo Mundo uma só nação, com um só vínculo ligando suas partes entre si e com o todo. Já que tem uma origem, uma língua, uns costumes e uma religião, deveria, por conseguinte, ter um só governo que confederasse os diferentes Estados que haverão de formar-se. Mas não é possível porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos, características dessemelhantes dividem a América (MARINGONI, 2004, p. 201).

Observamos que embora o seu anseio maior seja ver a permanência de uma identidade latina-americana, como outrora sonhara o libertador Simón Bolívar, mas os fatos demonstram que isso seria uma utopia, já que na contemporaneidade as culturas embora continuem tendo muitas similitudes, passam apresentar movimentações independentes que mudam valores e modos de interpretação de mesmo objeto. Surgindo aqui a seguinte questão, a identidade latino-americana havia acabado?

Sendo essas nações nascentes da exploração colonialista da Península Ibérica, com uma forte tradição católica, que por si só traz toda uma ética própria para condução do sistema político e financeiro (WEBER;MAX, 2004, p.30), que também sofreram com a imigração de “páreas sociais europeus” buscando em sua maioria o auto-enriquecimento, de modo a formar uma sociedade miscigenada à nativa através do sexo com indígenas e africanos e que mesmo com tanta ganância e exploração (GALEANO;EDUARDO, 2009, p.6) ,amargamos uma industrialização tardia, não podemos negar a prevalência de uma identidade de grupo, que não está obsoleta, mas que está viva em suas muitas manifestações culturais como a Festa da *Virgen del Carmen* em Paucartambo.

A *Virgen del Carmen*, sua festa, seus dançantes tem sido um cenário real de demonstração da vivacidade da tradição cultural latino-americana. A festa e seus símbolos rituais foram adquirindo uniformidades e múltiplos significados ao longo de séculos. Os grupos de aspectos carnavalescos, que percorrem as ruas da cidade nos três dias festivos, assimilaram aspectos da religiosidade popular comum em distintas regiões e se apropriaram de diferentes representações simbólicas passando a ser parte integrante de vários povos e culturas diferentes. A cidade passou a ser ponto de encontro para o reforço da identidade latina, pois passou a unir costumes e danças de origem ibérica, que pouco a pouco se mesclam com os costumes e danças mestiças e aborígenes, adquirindo um selo particular - latino, se diferenciando de outras festividades por possuir uma dramatização programada, que para autores como Roberto da Matta é um elemento de apoio direto a identidade regional ou local.

A festa nos vem permitindo observar as virtudes que grupos e sociedades diferentes, com tradições e história peculiares, atraem e se apropriam de símbolos que unem suas virtudes e temores. A adoração de uma divindade, os recursos e elementos que aparecem nos rituais, assim como as competições entre os distintos grupos, repetem a luta pela sobrevivência de um lado e de outro. A encenação periódica da história idealizada com as contradições, ambiguidades e frustrações no plano simbólico causa intencionalmente a junção dos grupos. Agora indígenas, espanhóis, negros, graças a festa, reconstroem os processos de suas formas de vida e anualmente compartilham a reconstrução de suas identidades, por meio de uma enorme força estética agregadora. A festa para milhares de participantes, e personagens grotescos, satíricos espalhados nas ruas de Paucartambo permite remontar e construir uma unidade identitária latino-americana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evocar o nosso sub-continente implica reconhecer suas particularidades, lugares, costumes, tradições, sabores, artes, tão singulares. Esses elementos mesmo coexistindo no mesmo espaço e localidade, muitas vezes, não são perceptíveis, mas é na memória coletiva que eles são invocados, neste caso, anualmente, para reforço da identidade de grupo.

Vivenciar o Peru e mais especificamente a cidade de Paucartambo é uma oportunidade única para reconhecemos e conhecermos nossas semelhanças, em inúmeros aspectos, e perceber as potencialidades, desafios e dificuldades compartilhadas por aqueles que um dia foram marcados pela colonização.

A festa da *Virgen del Carmen* implica uma ruptura com o habitual, durante três dias intensos, somos transportados para um passado próximo que resgata um período de dominação colonial, genocídio indígena e expropriação da mão de obra negra. A História é novamente contada por meio de um conjunto de personagens que brigam, conversam e unem-se no estopim da festividade que ocorre com saída da procissão

da *Mamacha Carmen* que desperta sensações até mesmo para os não católicos, pois a Santa consegue apaziguar os ânimos entre os grupos e canaliza toda aquela atmosfera a seu favor, fazendo todos segui-la em estado de graça.

O culto a *Virgen del Carmen* está diretamente associado a origem daquele povo e de muitos outros, mas em Paucartambo ele assume sua vertente mais original. O reforço a identidade latina é o elemento implícito desse movimento e por isso, ainda é um grande campo a ser estudado. Enquanto pujante patrimônio cultural essa festa é o nosso legado, que podemos viver hoje e amanhã, e que deverá ser transmitida para outras gerações, pois é a real fonte de elementos alicerçadores da identidade latina- americana.

## REFERÊNCIAS

- WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. São Paulo: Paz e Terra, 2009
- D'ÁVILA, M. I. Identidade da psicologia social latino-americana. Em Guareschi, P. Paradigmas em psicologia social: a perspectiva Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, 2009
- PEDRAZA, P. Ensaio Fotográfico - O Grande Teatro de Paucartambo. Revista Sala Preta, São Paulo, v.16, n.1, p.26-38, 2016.
- ZAPATA, MIGUEL. O grande teatro de Paucartambo. Revista Sala Preta, São Paulo, v.16, n.1, p. 5 - 25, 2016.
- GEERTZ, CLIFFORD. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HABERMAS, J. Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990
- TAYLOR, DIANA. Performance e Patrimônio Cultural intangível. Revista do programa do Programa de Pós graduação em artes da escola de Belas Artes da UFMG, v.1, n. 1, p. 91 - 103, 2011.
- SOUSA, THAÍS H. RIDE. YUYACHKANI: teatro e performance enquanto registro e memória na Latino-América. 2014, 180 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Arte e Comunicação, Universidade Federal Fluminense. 2014.
- FULLER, N. El debate sobre la autenticidad en la antropología del turismo. Revista de Antropología Experimental Monográfico: antropología e turismo , v.15, n.15 , p. 101 - 108, 2015.